

Nº 05 • ANO II • R\$ 3,00

# VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



● História de Beira de Rio

(IGARAPÉ-MIRI - PA)

● A Ladainha de São Benedito

(BRAGANÇA - PA)

● Uma Namorada e

Dois Irmãos

(MELGAÇO - PA)

● O Terçado

(MUANÁ - PA)

● Gratidão

(CURUÇÁ - PA)

**MAIS:**

- Visagens no  
Catamarã

**WALCYR MONTEIRO**

550-39592  
- 14601 -

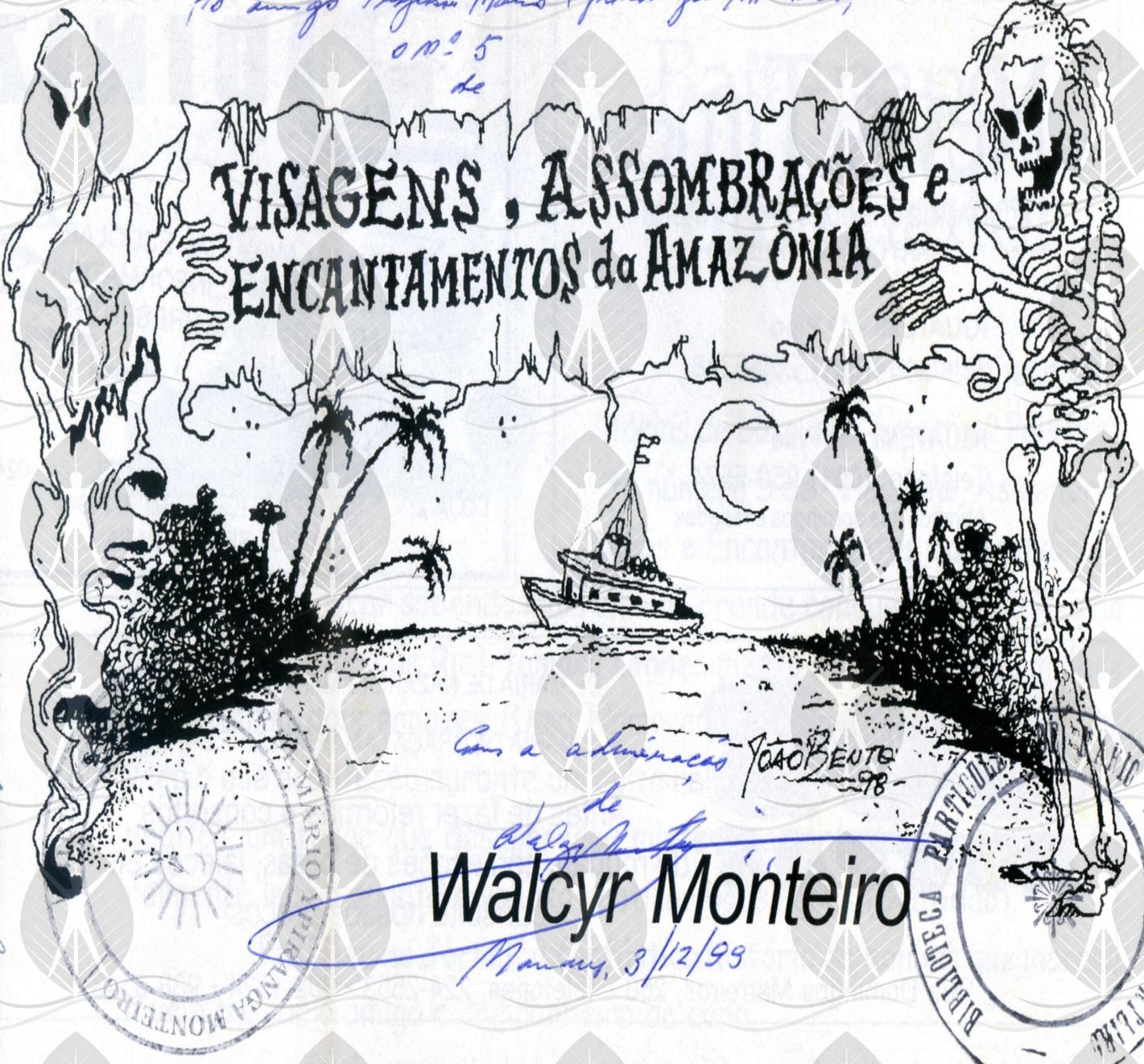


Walcyr Monteiro no traço de Biratan Porto

Reg. protocolo 3683 (Folha 88) 8º caderno. n.º 2069

Do amigo Professor Mário Kponanga Monteiro,  
o n.º 5  
de

# VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



Com a administração JOAO BENTO  
de

**Walcyr Monteiro**

Manaus, 3/12/99

"As lendas são a poesia do povo, elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos, como o pão bento da instrução familiar

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Êste cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

AmM  
1463

Banca de Revista

# News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS  
E CARTÕES DE CRÉDITO

**IGUATEMI - 1º Piso**

Telefone: (091) 250-5338

**IGUATEMI - 3º Piso**

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

**PAPELARIA**  
**DINIZ**

TUDO EM MATERIAL ESCOLAR,  
DE ESCRITÓRIO, INFORMÁTICA  
E ARTIGOS PARA PRESENTES

**LOJA 1** RUA 13 DE MAIO 510 - TEL. 241-0243

**LOJA 2:** SHOPPING IGUATEMI 1º PISO  
LOJA 110 - BELÉM - PARÁ

**SOS**  
**ROUPAS**

DE MARIA DE NAZARÉ LAMARÃO CORRÊA

e  
MARIA DA GRAÇA LAMARÃO CORRÊA

Antes de fazer reformas e consertos  
de roupas, confecções de batas, jalecos etc. .  
consulte nossos preços!

Rua Domingos Marreiros, 266 - Telefones 224-2553 • 982-4024 • 988-5143

## Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das Histórias: Biratan • Capa: Augusto Henrique (com ilustrações de Biratan e João Bento)

Editoração Eletrônica: Augusto Henrique • Impressão: Imprensa Oficial do Estado.

Correspondências: Caixa Postal 1563 - Belém-PA - CEP: 66017-970

Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



## Bate-papo com o leitor

Você decerto conhece histórias de boto, não é mesmo? Pois neste número 5 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia", você, além de ficar sabendo mais uma do grande conquistador da Região (História de Beira de Rio), tomará conhecimento de uma incrível mulher que seduziu dois rapazes (Uma Namorada e Dois Irmãos). Tem mais: verá o que aconteceu durante um culto religioso (A Ladainha de São Benedito), um facão que desapareceu misteriosamente (O Terçado) e finalmente lerá o quanto é valioso praticar boas ações (Gratidão).

Em "Deu no Jornal" a fantástica história do homem que morreu e veio buscar o amigo e companheiro de copo.

E não deixe de ler Visagens no Catamarã, Palestras e Visagens por aí..., para saber o quanto esta publicação está sendo adotada e bem recebida nos mais diversos locais.

Muito mais está reservado para você, que ama a Amazônia e suas tradições, no nº 6. Até lá, amigo leitor!

O abraço do

*Walcyr Monteiro*

**ILUSTRAÇÕES** - O ilustrador deste número 5 é o caboclo Biratan (Ubiratan Nazareno Borges Porto), nascido em Belém do Grão-Pará em 1950. Formado em Comunicação/Propaganda pela UFPA, é chargista de "A Província do Pará" há 21 anos.

Possui vários livros publicados, entre os quais destacamos "Pacto no Tucupi"; "Suingue, Suor e Lábias"; "Biratan Verde de Raiva"; "Soltando as Hienas" e "Sexo, Sexy, Seculorum".

Premiadíssimo em salões nacionais e internacionais, não podemos deixar de citar o 1º lugar em Berna, Suíça (1995), o 2º lugar em Buenos Aires, Argentina (1994), cinco primeiros lugares em Terezina, Piauí (1984, 1986, 1989, 1991, 1997) e também em Piracicaba, São Paulo (1989 - 1º e 1993 - 2º). Portanto, é um caboclo que está brilhando dentro e fora do Brasil o nosso desenhista. Bola pra frente, Biratan!

**Na hora de presentear,  
valorize a Região  
Amazônica.**

**Dê presentes de autores de  
livros, compositores,  
cantores  
e artistas amazônicos  
(pintores, escultores,  
artesãos, etc...).**

**Você vai ter uma surpresa**



**TRACUATEUA**

está sendo revelado na revista *Ver-o-Pará*

e mais:

\* Pororoca: a onda do momento

\* Itaituba: a Gruta do Paraíso

\* A Festa da Moça entre os Tembés

Compre já o seu exemplar. Nas bancas e livrarias

☎ 222-6359 \* 222-9802



# História de Beira de Rio



- Olhe, moço! Vocês são da cidade e não acreditam em certas coisas. Por isto não gosto nem de contar...

- Por que, meu amigo? Você pode contar sua história que lhe ouvirei com toda atenção.

- Mas não é só uma questão de atenção. É também de, se não acreditar, não mangar de mim. Olhe que eu não gosto que me façam de besta, viu?

- Nem de longe isto me vai na cabeça, respondi já curioso para conhecer a história do "seu" João. Velho morador de um povoado perto de Vila Maiuatá, no Município de Igarapé-Miri, no Rio Tocantins, "seu" João tinha se aproximado da roda formada no bar próximo ao trapiche da Vila, onde se tomava pinga tirando o gosto com camarão frito e se conversava sobre as visagens e assombrações do Pará. Insisti de novo:

- Vamos lá, "seu" João, conte a sua história...

E o velho João começou sua narrativa.

- Olhe, moço, já fazem uns tantos anos... Foi logo que me casei com a Mundica. Ela era uma cabocla nova, bonita e bem feita de corpo. Nós tinha casado e estava vivendo no meu barraco na beira do rio... Vida de pobre, sabe como é, né? Não se vivia com riqueza, mas o de comê nunca faltou... E a gente se gostava de verdade e ia levando a vida feliz... Um dia... - a fisionomia do caboclo foi ficando cerrada - um dia, "seu" moço, vi minha Mundica meio arredia, como quem tá escondendo alguma coisa... Fiquei desconfiado, mas não disse nada, fiquei só observando o jeito dela. Notava que Mundica não era a mesma e chamei ela pr'uma conversa séria... Que que tá havendo, mulher? Por que tu anda desse jeito? Tu não é mais a mesma...

Primeiro ela ficou calada, depois, choramingando, foi que Mundica falou.

- Sabe? É um homem! Um desgraçado que vive rondando nossa casa de noite... Tu ainda não visse, não?

- Não, não vi nada não. E por que tu não me disseste logo? Quem é esse filho duma égua?

- Eu não sei, meu filho, juro que não sei... Quando tu sai a noite que vai pescar, eu fecho toda casa e ele fica rondando, rondando...

- Ah! se eu pego este filho duma vaca! Ele só vem a noite e quando eu saio?

- É isto mesmo, meu filho...!

E "seu" João continuou: - Não disse nada. Na minha cabeça - me perdõem vocês, me perdôe Deus - só vinha vontade de matar. E eu ficava pensando quem poderia ser que tava querendo dar em cima da minha mulher... No dia seguinte anunciei bem cedo que ia pra pesca. E saí mesmo.

A medida que ia falando, "seu" João, como se estivesse muito aborrecido, ia franzindo cada vez mais a testa e o cenho. Procurou se acalmar. Depois continuou.

- Peguei minha montaria e desci o rio para um lugar em que costumava pescar. Fiquei por lá algumas horas. Depois, embiquei a montaria numa clareira e por terra fui para minha casa, já de noite.

O meu barraco, como já disse, era na beira, ficando a frente bem em cima do rio. Os fundos dela é que ficavam em terra. Fui chegando de mansinho, bem devagarinho. E no que olho, o que vejo? Lá tava o dito cujo tentando entrar em meu barraco, forçando portas e janelas. Não tive dúvidas... Peguei o arpão que levava comigo e com a força da raiva qu'eu tava arpoei o filho d'uma vaca... E fui p'ra cima dele já com a faca na mão... Ele não deu um gemido. Emitiu um som esquisito. E correu pra frente da casa e... tchibum, se jogou n'água... confesso que não entendi... isto tudo foi muito rápido, foi tudo muito de repente.... não ouvi barulho de nada... tinha certeza que tinha acertado o filho d'uma égua... mas não ouvi mais nada. Bati. Mundica abriu a porta. Eu disse só "arpoei o safado que tava rondando o barraco". E fui dormir. Pessoal, vocês nem querem saber...

Todo mundo estava silencioso, concentrado em "seu" João para ouvir o fim da história. Ele continuou.

- No dia seguinte, acordei pensando. Será que matei o cara? Ou será que só feri? Mas, neste caso, eu não vi ele sair nadando... Quando chego na porta da frente da casa, que vejo na beira?

Ninguém nem respirava. "Seu" João fez suspense, olhando para cada um dos que estavam no bar ouvindo a história. E concluiu.

- Era um boto. Um enorme de um boto, morto, bem defronte de meu barraco, com meu arpão enterrado bem no meio do corpo.

Os presentes se entreolharam, surpresos. E "seu" João, novamente aborrecido, cenho franzido.

- Tão vendo? Tão vendo porque eu não queria contar? Hoje ninguém acredita nisto.

E virando-se para mim: - Principalmente vocês que são da cidade...

---

*Na hora de viajar de férias,  
antes de conhecer  
outras regiões,  
conheça a Amazônia.*

*Viaje pelo interior do Pará,  
vá ao Amapá, ao Amazonas,  
ao Acre, a Roraima  
e a Rondônia!*

---

# A Ladainha de São Benedito

Histórias inacreditáveis, às vezes até absurdas, são contadas no interior e também em Belém no que diz respeito à visagens, assombrações e encantamentos. Tenho ouvido, e narrado ao longo dos anos, uma série de histórias que dão o que pensar. Neste tempo, soube, por exemplo, que lobisomem na Amazônia não se transforma só em lobo, mas também em porco e ainda que pode ser por sina, ou seja quando tem uma pena a cumprir, ou por opção, quando, por livre escolha, entrega seu sangue ao demônio, numa encruzilhada, em noite de sexta-feira, em troca de ter sorte no jogo e no amor. Também a matinta perera, ao contrário do que sempre se pensou, não é só mulher: pode ser homem também. Na história que vou narrar agora, aprendi mais uma coisa sobre lobisomens e matintas: é que ambos não podem... não, assim a história perde a graça! Continuemos a leitura e ver o que vamos somar ao nosso conhecimento sobre estes seres que tanto assustam a nossa população.

Na Rua Cesário Alvim, ao lado da Igreja da Conceição, existe uma borracharia num prédio bastante antigo e seu ocupante, Aguinaldo Vieira Ramos, é borracheiro de profissão e estudante

do segundo grau. Filho e neto de bragantinos, nasceu em Belém, mas todo ano vai a Bragança pelo menos uma vez, o que geralmente acontece no mês de julho.

Seu pai fazia tamancos de madeira, que aquela altura tinham bastante saída e nas horas de folga ajudava a mulher, que era agricultora. Moravam em Campo de Baixo, depois em Patalino, comunidades existentes na estrada que vai para Ajuruteua, até se mudarem para o bairro de Boca da Estrada, já na cidade de Bragança. Foi quando moravam em Campo de Baixo que aconteceu...

Bragança, como é por demais sabido, é um município devoto de São Benedito. Pois bem, a localidade de Campo de Baixo não podia ser diferente. Lá também cultuavam e faziam festa para São Benedito. E foi justamente no dia de uma ladainha para São Benedito que... Ah! ia esquecendo! Naqueles dias de um ano qualquer da década de cinquenta, que Aguinaldo não se lembra com precisão qual foi, ouviam à noite, o assobio de uma matinta perera. E os moradores se perguntavam: - Quem poderia ser? Afinal, nas localidades pequenas, todo mundo conhece todo mundo e não faziam idéia de qual moradora carregava a sina de virar matinta perera. Naquele dia, ou melhor, naquela noite distante, os moradores de Campo de Baixo, reunidos em ato de fé, realizavam uma ladainha para São Benedito e se locomoviam de um lugarejo para outro, rezando sempre. De repente ouviram o bater de asas e, ao olharem para cima,



viram ainda um pássaro de regular tamanho, com grandes asas semelhantes a ameçaba (tipo de porta usada no interior feita de palha trançada) como que se atrapalhar e cair na mata, bem em cima de um tucumanzeiro. Quase que a ladainha acaba: todos praticamente correram para ver do que se tratava e, ao chegarem no dito

tucumanzeiro, qual a surpresa: lá estava D. Chiquinha, conhecida lavradora do local, toda ferida, gritando muito, pedindo socorro, que a livrassem dos espinhos e das palmas do tucumanzeiro... Foi uma luta para tirarem D. Chiquinha lá de cima, o que só foi conseguido com muita dificuldade... E, por mais incrível que pareça, D. Chiquinha, a Matinta Perera de Campo de Baixo, sobreviveu... Mas deixou uma lição: lobisomem ou matinta perera não podem ver coisas sagradas e ouvir e pensar o nome de Deus, que o encanto se desfaz na hora! E foi o que aconteceu com D. Chiquinha: ela, como Matinta Perera, estava cumprindo a sua sina, porém ao sobrevoar a ladainha de São Benedito, olhou para baixo, ouviu o nome de Deus, o encanto se desfez, e, já em forma de gente, despencou lá de cima, caindo no tucumanzeiro...

***Você assiste televisão?***

***Escreva para a TV que você assiste  
pedindo programas regionais!***

# Uma Namorada e Dois Irmãos

Rio Laguna, afluente do Rio Tajapuru, Município de Melgaço. Há alguns anos, mais ou menos na década de sessenta, um senhor estava muito preocupado. Ele era pai de dois rapazes, Jorge e Júnior, e os dois eram o motivo de sua preocupação.

Quem vai contando a história é Tereza Carvalho Rodrigues, estudante e natural do Município de Melgaço.

Os filhos haviam arranjado uma amiga - ou seria namorada? - há algum tempo e daquele momento em diante não queriam saber de nada, nem mesmo de comer. O pior era que o pai de Jorge e Júnior não sabia quem era a mulher. Não a conhecia do Rio Laguna e adjacências. Ela só vinha à noite, o que lhe aumentava a preocupação.

\* \* \*

O mais estranho era que os dois aceitavam aquela situação com a maior naturalidade, ou seja, era como se os dois namorassem com ela e ela satisfizesse os dois...

O pai, mais do que desconfiado, começou a espionar. E viu que a mulher, quando chegava à noite, levava comida para eles, que a

comiam avidamente. Aí descobriu porque não queriam mais comer a comida que a mãe preparava... Também verificou que Jorge e Júnior ficavam muito tempo tomando banho no rio, como se de lá não quisessem sair... e também estranhou a irresistível atração pela água!

Chamou os filhos para uma conversa séria, dizendo que aquela mulher não deveria ser uma mulher comum, uma mulher qualquer, que ali tinha coisa, que aquela mulher os estava encantando e que não deveriam mais comer da comida que ela levava, pois eles iam cada vez mais ficar interessados por ela e que ela ia acabar levando-os, sabe Deus para onde!

Mas Jorge e Júnior não deram atenção às palavras do pai, que aumentou a vigilância, pois sabia que, se os deixasse sozinhos à noite com ela, ela os levaria...

Então, quando dava uma certa hora, ele chamava os filhos e segurava-os, não os largando de jeito nenhum. A mulher ia embora muito aborrecida, mas continuava indo toda noite, só esperando uma oportunidade de ficar só com os dois...

\* \* \*

A vida havia se tornado um inferno para o pai, que se via obrigado aquela vigília forçada todas as noites e todas as horas, pois, durante o dia, era a vontade de se banharem no rio...

Até que resolveu por termo aquela a situação e livrar os

filhos de uma vez por todas. E falou consigo mesmo:

- É, eu vou matar esta bôta, antes que ela leve meus filhos.

Já não tinha dúvidas: com certeza que se tratava mesmo de uma bôta.

\* \* \*

Cismou que ela ia levá-los no dia seguinte. E antes que ela se dirigisse para a casa deles, foi esperá-la perto do trapiche.



Realmente ela veio. Ele estava escondido atrás de uma touceira de açaizeiros. Quando ela se aproximou, ele saiu e, com um revólver, atirou à queima-roupa em cima do peito da mulher, que caiu morta na praia.

Jorge e Júnior, ao darem falta do pai em casa, tinham saído atrás dele. E viram tudo. Quando a mulher caiu, os dois foram pra cima dela, chorando muito, abraçando e beijando o cadáver.

Aí o pai falou:

- Meus filhos, não chorem por causa desta mulher que ela não é gente igual a nós. Ela é uma bôta...

Os dois discutiram muito com o pai, até que este disse:

- Vocês querem ver de quem estavam gostando?

Pegou então a mulher pelas pernas e colocou no rio. Ante os olhos incrédulos de Jorge e Júnior, a parte inferior da mulher metamorfoseou-se em bôta, permanecendo da cintura para cima em forma de mulher...

O pai então empurrou o resto do corpo n'água, que foi arrastado pela correnteza. Ainda viram a parte superior ir se transformando em bôta...

Jorge e Júnior, alucinados, quiseram se jogar n'água, sendo contidos, a custo, pelo pai. Ficaram muito doentes sem saberem a causa e só ficaram bons depois de serem tratados por um famoso pajé de Breves, para onde foram levados pelo pai...

# O Terçado

Rio Anabiju, Município de Muaná, Ilha do Marajó, Pará. Às suas margens nasceu Enid Rosário, professora, com especialização em deficientes visuais. É Enid quem conta esta história.

- Eu era pequena ainda, mas lembro como se fosse hoje. Estava pescando com minha mãe, o que gostava muito de fazer, quando ela pegou um terçado a fim de cortar um açaizeiro. Quando ela ia atingir a palmeira, o terçado caiu de sua mão, como se alguém tivesse batido com muita força. As águas do rio estavam muito altas, pois era inverno, e eu joguei-me n'água para procurar o terçado no local em que havia caído. Embora tivesse marcado bem o local, nada encontrei. Procurei ao redor, vasculhei tudo. Não adiantou: foi como se o terçado tivesse sumido. Um terçado para nós era muito valioso e ficamos tristes com sua perda.

Esperamos chegar o verão. Quando veio, muito forte, aquele local ficou todo seco. Mamãe foi então procurar o terçado. O lugar estava todo seco e limpo, havendo apenas uma pequena toiceira de açaí e, bem próximo, uma pequena poça d'água que nunca secava, mas não secava mesmo, ainda que o verão fosse muito forte e a terra ficasse toda partida. Mamãe procurou, procurou, procurou e não

achou. Também fui procurar e não achei. Chamava-me a atenção aquela pequena poça d'água que nunca secava.

Mamãe não se conformava com o sumiço do terçado e continuava a procurar. De vez em quando ia lá, mas não encontrava.

Até que - começou a acontecer! - toda vez que mamãe ia ao local, tinha muito frio e febre muito forte. Ela chegava a tremer de tanta febre. Na última vez que foi, a febre foi muito, muito forte. Mamãe ficou enfraquecida. Cada dia que passava, ia ficando mais fraca. E assim passaram cerca de dez dias. Mamãe enfraquecendo cada vez mais.

Então mamãe foi visitada por três índias - deixe dizer que não havia mais índios na região - que conversaram com ela. Duas índias eram muito brabas e uma bastante mansa. E aí disseram a ela, ou melhor, a índia mansa falou:

- A senhora não deve mais procurar o terçado. A senhora invadiu nossa residência e nós ficamos muito aborrecidas com a senhora. Minhas irmãs - disse, referindo-se às duas índias brabas - pensaram até em lhe matar. Eu que não deixei...

Aí exigiram que ela não fosse mais ao local - o tal em que havia a toiceira de açaí e a poça d'água que nunca secava - e que tomasse uns banhos para ficar boa. Ela tinha que tomar os banhos de costas para o rio Anabiju, e não poderia olhar em nenhum momento na direção do rio. Se ela olhasse ou se fosse ao rio durante os dias dos banhos, seria mortal!



Mamãe ficou apavorada com tudo isto, mas cumpriu direitinho o que as índias tinham determinado.

Fez a série de banhos de ervas durante oito dias. Ela ficou boa, porém, nunca mais se aproximou da toiceira de açaí e da poça d'água que nunca secava - ali era a residência das índias - onde, um dia, seu terçado desaparecera para sempre...!

# Gratidão

Existe coisa pior que a ingratidão? A pessoa não somente não reconhecer os benefícios recebidos de outrem e ainda por cima "cuspir no prato que comeu", no dizer popular? Realmente, a ingratidão é um dos piores defeitos do ser humano, senão o pior. Muita coisa poderia ser dita sobre a ingratidão e muitos casos poderiam ser contados, mas não vamos aqui filosofar sobre o lado negativo. Pelo contrário, vamos falar da gratidão... da gratidão que veio de além-túmulo... Mas assim já estamos adiantando o final da história! Vamos, pois, começar do princípio...

Damião Alves Pinheiro, filho de Curuçá, mas residente em Belém há vários anos, é verdadeiro "pau pra toda obra". Atualmente é pedreiro (dos bons, diga-se de passagem), mas já foi agricultor, lenhador e exerceu várias outras profissões. Mora atualmente no bairro do Atalaia, na rua Santo Odílio. Foi Damião que contou a história que segue.

Na década de 70 aconteceu com o pai de Damião, o agricultor Benedito Vaz Pinheiro, de apelido Padeiro, um fato fora do comum. O porque do apelido de Benedito, nem ele sabe. É verdade que todo mundo no interior tem apelido, mas geralmente um apelido que

tenha alguma coisa a ver com a pessoa. Não era o caso: Benedito não era Padeiro, nunca vendera pães nem ao menos tinha trabalhado em uma padaria. Mas o apelido era Padeiro e como Padeiro era conhecido em Vista Alegre, Município de Curuçá, e adjacências.

Um dia pela manhã, ao sair para trabalhar, encontrou no roçado, caído, um velho amigo. Abaixou-se para ver do que se tratava e só então verificou que o amigo havia sido atropelado e estava bastante machucado. Correu a pedir socorro e com o auxílio de outras pessoas conseguiu tirar o acidentado dali e, com muita dificuldade, levou-o até um hospital. Não adiantaram os cuidados e providências tomadas: pouco tempo depois o atropelado morria, deixando a saudade aos seus amigos, principalmente a Padeiro, que era companheiro de farras e de futebol do falecido... Quantas peladas jogaram e quantas farras fizeram juntos no quilômetro 42, em Terra Alta, Mocajubinha, Vista Alegre, Bom Jardim, e outras localidades próximas?

Tentaram reconstituir o acidente e ficaram sabendo que o acidentado vinha de uma farra à noite e já bastante bebido caiu no meio da estrada que leva a Vista Alegre. Como a estrada estava em recuperação, ele ficou justamente junto do camaleão formado pelas rodas dos veículos que por ali haviam passado. Então à noite, com pouca visibilidade, o veículo - por sinal dirigido pelo padrinho de Damião - acabou atropelando e deixando-o ali, pois não chegou a ser



visto. Então se arrastou até o roçado, onde perdeu as forças e foi encontrado por Padeiro. Após a morte do amigo, Padeiro andou muito acabrunhado. Mas... a vida continua e logo Padeiro retornou a sua vida normal, que era cuidar do roçado e vender seus produtos no quilômetro 42 da estrada de Curuçá...!

Após uns seis meses - a morte do amigo já era apenas uma lembrança remota - Padeiro retornava a sua casa, à noite, passando por dentro do roçado. Aí é que aconteceu um fato estranho: não conseguia achar o caminho de casa! Padeiro tinha feito compras numa

mercearia da qual era freguês e as levava consigo numa velha bicicleta. Mas por mais que andasse neste roçado que lhe era tão conhecido, não conseguia achar o caminho...! Começou a ficar com medo, medo este que foi se tornando em pavor, a ponto de perder as compras que tinha feito. Apenas a bicicleta continuava em seu poder e ele a segurava firmemente. Estava cada vez mais apavorado, quando aquela voz falou pra ele:

- Você quer ir pra casa, Padeiro?

- Quero!

No que levantou a cabeça, enxergou o caminho. Ao chegar em casa, sem as compras, todo esbaforido, foi logo contando para a mulher, afirmando que a voz era do seu velho amigo, já falecido, que viera ajudá-lo, em agradecimento ao socorro que tinha lhe prestado quando fora atropelado...

De início, Padeiro ficou com certo receio de passar pelo roçado. Depois chegou a conclusão que não tinha o que temer: afinal o que lhe acontecera tinha sido apenas a gratidão de um velho amigo, já morto, uma gratidão de além-túmulo...!

**Você escuta rádio?**

**Peça aos radialistas para tocarem  
músicas de autores e cantores amazônicos!**

# Visagens no Catamarã



Em outubro de 98, em excursão no Catamarã Pará para a Festa do Çairé, em Alter-do-Chão, no Rio Tapajós, fui convidado pelo comandante Ramide e pelo senhor Celso Vaughan, do Clube da Melhor Idade Tapajós, para proferir palestra sob o tema "Lendas e Mitos, Visagens e Assombrações da Amazônia" Na foto o registro do evento

# Palestras



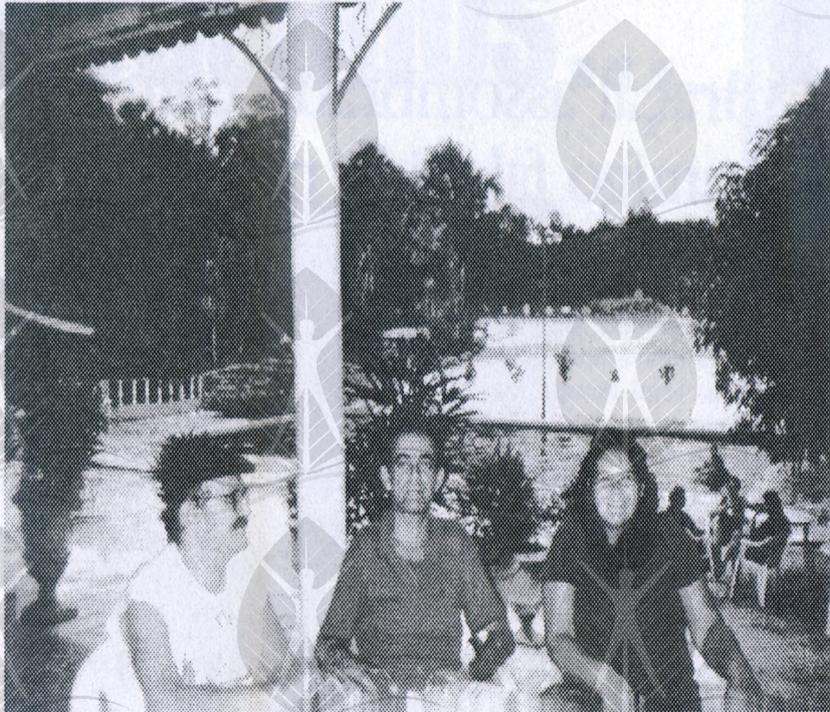
Em Parauapebas (Pará), na Escola Euclides Figueiredo, a convite da professora Nilza, diretora, na sala da professora Benilde.



Em Belém, no Colégio Santa Rosa, a convite da direção daquele estabelecimento de ensino, Irmã Ana Jozêfa Xavier e do professor Manoel Cristino do Rego, Coordenador do Convênio.



# Visagens por aí...



Em Tracuateua, na Toka da Amizade, com o Prefeito Jonas Barros e esposa, durante o Festival Folclórico daquele Município. A Biblioteca Municipal de Tracuateua recebeu, como brinde do autor, coleção de *Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia* (n<sup>os</sup>. 01, 02, 03 e 04) e mais *As Incríveis Histórias do Cabloco do Pará*.

Em Cachoeira do Piriá, com o prefeito Ademir, o presidente da Câmara Expedito e sua esposa professora Elma. A Biblioteca Municipal também recebeu as publicações do autor



# Deu no jornal...!

O que você acha de um amigo seu morrer e querer levá-lo com ele? Acha impossível? Pois foi o que aconteceu com Juraci Soares de Lima. Duvida? Pois leia a matéria publicada no "Diário do Pará", edição de 25 de agosto de 1993, aqui reproduzida.

## Braçal assombrado com amigo falecido morre

O braçal Juraci Soares de Lima, paraense, solteiro, 40 anos, que residia na passagem Padre Angelo, 147, em Marituba, estava morto no Instituto Médico Legal Renato Chaves, com o crânio esmagado por um veículo qualquer. Ele foi atropelado anteontem, no cruzamento da avenida Doca de Souza Franco com a rua Municipalidade (Reduto) e estava, até ontem à tarde, sem identificação.

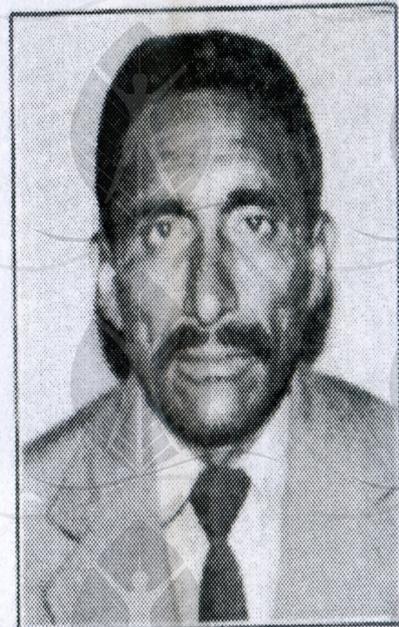
À tarde de ontem, no IML, compareceu a companheira de Juraci, Maria de Nazaré da Silva, 42, que identificou-o como sendo aquele corpo, do homem com quem ela viveu alguns anos.

Maria de Nazaré contou uma história estranha de perseguição, de que vinha sofrendo Juraci, algo fantástico, diabólico.

De acordo com Maria de Nazaré, recentemente, morreu um amigo de Juraci, parceiro de copo, de serviço, etc. A morte desse amigo abalou muito a Juraci, que mudou por completo de comportamento, principalmente nos últimos dez dias.

Juraci andava alucinado, disse Maria de Nazaré, os olhos esbugalhados e dizendo coisas como "ele quer me levar. Me deixa em paz que eu quero viver mais um bocadinho, pelo amor de Deus. Tu não és mais deste mundo".

Domingo passado, Juraci foi le-

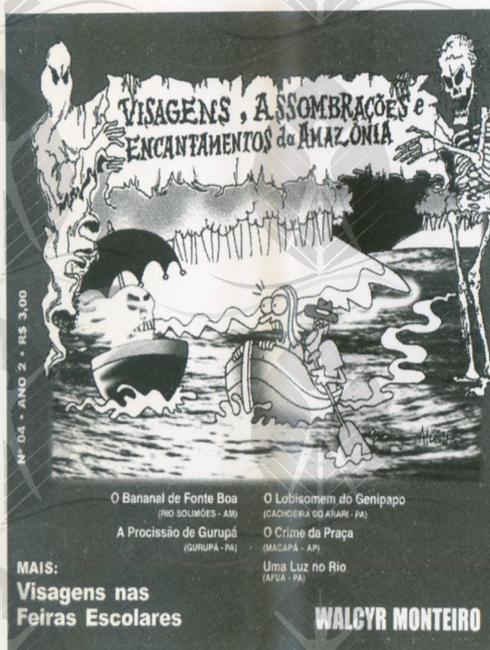
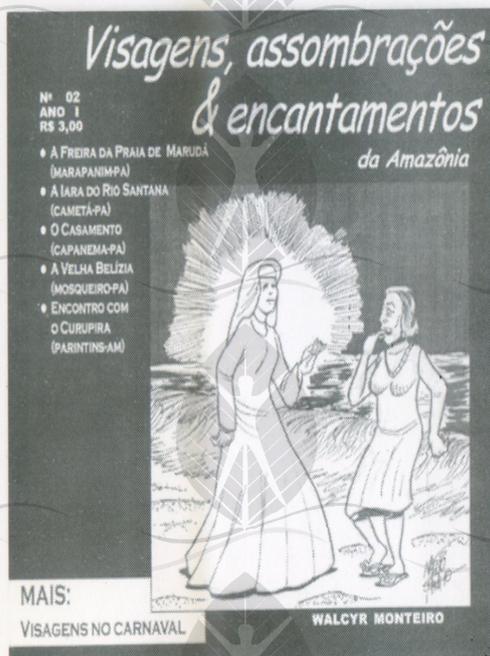


**Juraci morreu atropelado.**

vado por sua companheira, a um templo da igreja Deus é Amor, segundo ela, para afastar do braçal, os "maus espíritos". Ele não se demorou muito na igreja, dizendo que não o queriam ali, e saiu.

Depois, foi trabalhar e não voltou mais. Ele trabalhava como carregador em caminhões, na rodovia BR-316, à altura do km 2 (Curva da Castanheira). Maria de Nazaré não sabe o que aconteceu para Juraci morrer atropelado no Reduto. Para ela, seu companheiro foi "levado" pelo amigo dele que morreu antes.

# Números atrasados...



PROCURE NAS BANCAS  
DE REVISTAS NEWS TIME,  
DO SHOPPING IGUATEMI,  
DO ALVINO, DO SHOPPING  
CASTANHEIRA E NA LIVRARIA JINKINGS

# ISTO NÃO É LENDA!



**É o resultado da aplicação dos recursos do FNO !**

**FNO**



**BANCO DA  
AMAZÔNIA**

*O primeiro e único banco da Amazônia*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA